

JOSÉ LINS DO REGO E O PESSIMISMO

Stela Marques Seixas Pimenta¹ e Benedito José de Araújo Veiga²

1. Bolsista CNPq / PIBIC, Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: stelamspimenta@yahoo.com.br

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: bveiga@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Periodização; Suplemento Literário; Recepção Crítica; José Lins do Rego; Pessimismo.

INTRODUÇÃO

Os periódicos são fontes originais de informação, constituindo, em princípio, matéria da história, que constrói uma narrativa a partir dos documentos que indiciem um passado. Através da leitura deles podemos encontrar matéria prima para vários estudos, no nosso caso, estudos literários.

São encontrados nos periódicos vários cadernos, dentre estes temos os suplementos literários. Os suplementos literários são formas de democratizar a literatura. Neles encontramos artigos, ensaios, que aproximam a literatura do leitor “comum”. No *Diário de Notícias* de Salvador podemos encontrar um exemplo de suplemento literário, o Suplemento Dominical, e trouxe um novo suporte para a vida cultural da Bahia, um espaço dedicado às seções literárias e culturais.

Como representante legal da Literatura Brasileira, José Lins do Rego também teve espaço no Suplemento Dominical do *Diário de Notícias*, órgão da imprensa baiana que circulou entre os anos de 1956 e 1971, na cidade de Salvador. Este se faz presente em cinco artigos, de vários autores, publicados no suplemento literário que comentam sua obra e vida.

Lins do Rego é um dos grandes nomes da literatura brasileira. Suas qualidades narrativas são inegáveis; os sucessos dos seus romances não são mero acaso, mas também por isso o autor sofreu enquanto alvo da grande crítica, e hoje sofre com o esquecimento. Chamado simplesmente de “bom narrador”, por alguns, sua obra não teve a importância de verdadeiros documentos de uma cultura e de um momento da história do Brasil. Sua dedicação em captar a matéria regional, a língua, as tradições, o povo, que soaria como influência para as futuras gerações de escritores da região, são hoje não muito lembradas.

No artigo *José Lins do Rego e o pessimismo*, publicado em 31 de agosto de 1958, Guilhermino Cesar apresenta essa característica tão marcante da obra de José Lins do Rego. Neste trabalho trago o artigo de Guilhermino Cesar, a recepção crítica que ele faz das obras de José Lins do Rego.

MATERIAIS E MÉTODOS

O acervo pesquisado compõe um jornal da década de 1950, 1960 e 1970, o Suplemento Dominical do *Diário de Notícias* de Salvador, que se encontra na Biblioteca Municipal dos Barris em Salvador, na seção de acervos raros. Por se tratar de um arquivo ainda não digitalizado, e com 56 anos, é preciso a utilização de luvas e máscara para o manuseio. Após a leitura do livro “Memória da vida literária baiana: década de 60 (Indexação do Suplemento Dominical do Diário de Notícias: 1956 - 1971)” onde se encontram listados todos os artigos do Suplemento Dominical, encontrei cinco artigos que trazem José Lins do Rego como assunto principal. São eles: 1º - *Eu fui*

colega de José Lins do Rego de J. Nemesio, publicado em 10 de novembro de 1957; 2º - *José Lins do Rego e o Pessimismo* de Guilhermino Cesar, publicado em 31 de agosto de 1958; 3º - *José Lins do Rego e a Cultura Brasileira* de Bernardo Gersen, publicado em 22 e 23 de janeiro de 1961; 4º - *José Lins do Rego e a Cultura Brasileira — O coronel Lula e o moleque Ricardo* de Bernardo Gersen, publicado em 5 e 6 de fevereiro de 1961 (artigo incompleto); 5º - *José Lins do Rego visto por Lemonde de Macedo* de Rocha Filho, publicado em 30 de agosto de 1964.

A partir da leitura e fichamentos dos artigos do Suplemento Dominical elencamos as características da obra de Lins do Rego que são apontadas pelos autores, e a partir da leitura de suas obras e de teóricos da Literatura Brasileira, podemos analisar estes artigos levando em conta a recepção crítica que esses autores fazem de sua obra e algumas características marcantes trazidas, buscando assim a preservação da memória da vida literária da Bahia e a recuperação da memória cultural e literária do escritor paraibano Lins do Rego.

Utilizamos como suporte teórico a Estética da Recepção que propõem esse olhar mais atencioso ao leitor, sugerindo uma teoria do leitor, no qual reflete sobre o leitor, não só como agente passivo, mas um agente ativo na construção do texto literário. Para Zilberman (1989), ler assumiu dois significados, um literal, o feito na escola, apresentado e desenvolvido no ambiente escolar, e outro metafórico, envolvendo a sociedade, que está à procura de sua identidade estudando a sua cultura. A partir dessas duas abordagens é preciso refletir sobre a postura do leitor, as experiências estéticas, as possibilidades de interpretação, e suas repercussões.

Desta forma, percebemos que as ideias de Jauss, através da Estética da Recepção, contribuíram para a reformulação das questões literárias tanto de caráter estético, como historiográfico, atribuindo ao leitor, enquanto ente da coletividade, a tarefa de estabelecer os parâmetros de recepção de casa época. A Estética de Recepção dar ao leitor maior destaque, incluindo-o como sujeito participativo, não só como o sujeito que sofre os efeitos, como também o que age sobre a obra, levando-o a uma visão mais ampla desta obra, quanto de sua própria identidade.

Partindo da ideia da Estética da Recepção, buscamos nas fontes primárias o corpus do trabalho, para que a partir deste realizarmos o estudo da recepção crítica da obra de Lins do Rego, mas como pergunta Zilberman (2004), *porque fontes primárias?* A escolha das fontes primárias vem pela necessidade de fontes originais de informação: “Fontes primárias constituem, em princípio, matéria da história, que constrói uma narrativa a partir dos documentos que certifiquem o passado”. (ZILBERMAN, 2004, p. 15)

RESULTADOS

Característica marcante da obra de Lins do Rego dá nome a esse artigo. E sobre esse ângulo Guilhermino Cesar inicia seu artigo. “Os romances de José Lins do Rêgo, nos quais predominam os ambientes de decadência e os seres desamparados, refletem a luta entre o que é novo portador do germe da destruição, a rotina, as comodidades já estabelecidas.” (CESAR, 1958, p. 1) Guilhermino destaca que Lins do Rego em sua obra anuncia um mundo melhor para destruí-lo, depois de sonhar que era possível. “Certo pessimismo comum ao nosso povo, certo agarramento ao desconforto pitoresco, o receio de variar para pior, são traços que se surpreendem, a cada passo em suas personagens, ainda mesmo as mais libertas da ação coercitiva do meio ambiente.” (CESAR, 1958, p. 1)

Guilhermino inicia a sua análise partindo das obras do Ciclo da Cana-de-açúcar, pois estas representam a decadência do mundo dos engenhos, de seus senhores, da organização quase tribal, de sua influência política, da modernização do campo, e a invasão da máquina na qual predominava um trabalho braçal modificando as concepções de trabalho e mesmo de propriedade. O autor apresenta obras outras não pertencentes nem ao Ciclo da Cana-de-açúcar, nem ao Ciclo do Cangaço, Misticismo e Seca, comenta as obras independentes, como Pureza e Água-mãe. Em Pureza, Guilhermino destaca que esta se apresenta fora do “romance-rio”,

[...] notamos a preocupação de historiar, tomando como motivo principal um ramo esgalhado de antigos latifundiários do Norte, o aviltamento de uma família, o seu melancólico fim-de-raça. Por tudo isso, não se pode negar tenha sido José Lins do Rego o autor brasileiro que melhor descreveu a queda do prestígio social e econômico da burguesia rural provinciana. (CESAR, 1958, p. 1)

Em Água-mãe, percebemos uma preocupação do autor em demonstrar que Lins do Rego retorna ao seu tema, ao pessimismo. Lins do Rego volta sua atenção aos quadros menos característicos de uma povoação de salineiros e pescadores, à margem da Lagoa de Araruama, no litoral fluminense. Por mais que a descrição da paisagem, das personagens, até mesmo do desenvolvimento da história possa de alguma forma desviar a atenção dos leitores, Guilhermino chama a atenção de volta para o tema central do romance, o “traçar as mutações súbitas de alguns ambientes da família de média e da alta burguesia”. (CESAR, 1958, p. 1)

Com breves palavras Guilhermino apresenta o esqueleto do romance:

O cabo Candinho, pescador de camarão, dona Mocinha, salineira de Araruama, e o doutor Mafra, capitalista e chefe de clã, veem tombar sobre os seus todas as desgraças imagináveis. A chegada dos Mafra, ricos e ociosos, para a beira da Lagoa, onde foram habitar a Casa Azul, velho solar tido pelo povo como mal-assombrado, levantou o animo dos habitantes das redondezas. As desgraças iriam passar. A casa se transformara, a vida voltava a imperar dentro de suas paredes e a gente das cercanias se foi afeiçoando aquelas moças e moços esportivos que vinham passear de barco na lagoa, andar e beber na Casa Azul. Os filhos do cabo Candinho são traídos por um dos Mafra: dona Mocinha, rotineira e supicaz, procura evitar que os seus tenham ligações com os recém-chegados; mas todas essas cautelas foram inúteis, os habitantes da Casa Azul exerciam sobre os moços pobres uma atração irresistível. E os desastres, as fugas, a infelicidade doméstica, todo um cortejo de malefícios arrebatava numa voragem as criaturas que não ouviram a tradição da terra, estabelecendo comércio com a casa mal assombrada. (CESAR, 1958, p. 1)

Em Água-mãe, podemos perceber as crendices, as superstições que aqui são elencados por Guilhermino, “botijas de ouro enterradas, corujas e morcegos de mau agouro, fantasmas de afogados que vinham aperrear os vivos”. (CESAR, 1958, p. 1) Em crítica a primeira parte do livro, Guilhermino diz que o ambiente foi mal explorado por Lins do Rego, na qual não se percebe as qualidades que são tão dele, são vistas como repetidas as lendas e crendices, aspecto apontado com fator negativo na obra.

É apresentada também por Guilhermino a segunda parte da obra, na qual existe um desenrolar de paixões e vícios que surpreende todo o povo de Araruama, os poderosos de fora “contaminavam os simples, os bons”, hábitos trazidos do Rio de

Janeiro. Rio de Janeiro este que faz com que Joca, o filho do cabo, e Lucia, filha da dona Mocinha, não parem pensar e desejar estar. Os Mafra não resistem ao chamado da capital, ficam assim divididos entre a Araruama e o Rio de Janeiro. “Araruama é terra de maninha, não alimenta searas, não vê o triunfo e à alegria de seus filhos, nem se seus moradores.” (CESAR, 1958, p. 6)

Percebemos aí a grande característica das obras de Lins do Rego apontada por Guilhermino Cesar, o pessimismo:

Nem mesmo Paulo que se distanciava na frivolidade dos irmãos por sua cultura, por sua cultura, por sua generosidade, pelo desejo de influir no destino da sociedade, melhorando-a, consegue impor suas ideias, expostas em livro, ou vê-las respeitadas. Um partido político delas se apossa, deformando-as segundo as conveniências menos nobres de seu grupo dirigente. O coletivo vence o singular; a massa absorve o indivíduo. (CESAR, 1958, p. 6)

CONCLUSÃO

Em um conjunto, a obra de Lins do Rego quase toda está voltada para o Nordeste, e com grandes temas que saem do meio social onde “o latifúndio e o sitiante, a usina e o engenho, as secas e o cangaço se misturam no mais dramático por uma atitude de desesperança que chega a ser pessimismo, completa descrença na eficácia da organização institucional das leis civis e das regras morais”. (CESAR, 1958, p. 6) Em suas obras Lins do Rego coloca sofrimento e opressão para essas criaturas, apontado por Guilhermino como um sentimento “ingênito”, na qual acreditava na bondade inata do homem, diferentemente de Machado de Assis que via o homem, “no ser pensante, o mal sem remédio”. “José Lins do Rego via no grupo, na sociedade organizada, o veneno que corroi a bondade do homem, tornando-o cúvido, constrangido, infeliz, Pascal e Rousseau, respeitadas as épocas e os gêneros.” (CESAR, 1958, p. 6)

REFERÊNCIAS

- CESAR, Guilhermino. José Lins do Rego e o pessimismo. **Diário de Notícias**, Salvador, 31 ago. 1958. Suplemento Dominical, p. 1-6.
- JAUSS, Hans Robert. **A Literatura e o leitor: texto de estética da recepção**. Trad. e org. de Luis Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOBIM, José Luís. História da Literatura. In: _____ (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. p.
- VEIGA, Benedito. **Memória da vida literária baiana: década de 60** (Indexação do Suplemento Dominical do Diário de Notícias: 1956-1971). Salvador: UNEB/Quarteto, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. **As pedras e o arco: Fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.